



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR
AUGUSTO**O SECULO**DE SANTA
RITA**HISTÓRIA DUM LÁPIS**

■ Por LAURA CHAVES
Desenhos de A. CASTAÑE ■

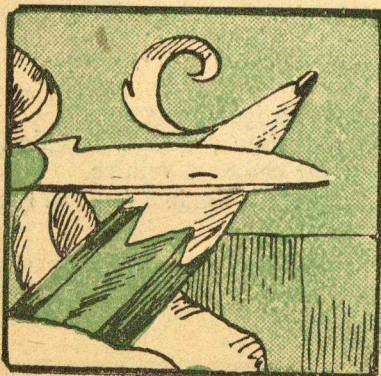
O Lápis nasceu vermelho,
alto, delgadinho, airoso,
com letras a ouro velho,
enfim, um lápis famoso.

Seu destino, qual seria?
O de todos, fazer contas.
Por ora nada fazia,
tinha igual ambas as pontas.

Era já coisa sabida,
— um caso bem delicado —
que, para ganhar a vida,
devia ser aparado.

E assim foi. Num certo dia
— que a ninguém isto
aconteça —
sentiu uma coisa fria
a descascar-lhe a cabeça.

Uma espécie de grelhinho
o descasque descobriu:



que era um bico aguçadinho
como outro nunca se viu.

Começou a trabalhar
confiado no futuro,
pôs-se a escrever, a contar,
mas o bico, pouco duro,

em certo esforço violento,
tremeu, rangeu, oscilou,
foi apenas um momento,
e «crique», pronto, quebrou.

Ao acontecer-lhe aquilo,
pensava o Lápis, danado:

«Tenho que ir para o asilo,
sou um lápis liquidado.»

Mas qual! Veio o mafarrico
que lhe aparou a cabeça
e fez-lhe logo outro bico
muito bem feito e depressa.

Ouviram-no, então, dizer,
proclamar em alto tom:
— «Que me importa adoecer,
se o médico me põe bom!» —

Vivia, assim, divertido,
sempre alegre, descuidado,
sabia: bico partido,
logo era bico aparado.

Em plena felicidade
os dias foram passando,
fiado na mocidade
nem deu por que ia minguando.



AS DUAS PRIMEIRAS LAGRIMAS DA PRINCEZINHA

Por MARIA BRANCO

ERA uma vez, há muitos, muitos anos, em certo reino poderoso, a Princezinha Ema. Linda como os amores, ria a todo o instante e cantava qual bela toutinegra. De seus rasgados olhos negros, jámais brotara uma lágrima.

Onde passava, deixava sempre um rastro de alegria!

Até os animais, pareciam sentir essa irradiação.

Percorrendo campinas, os cordeirinhos brancos pulavam à sua volta. As aves envolviam-na em seus volteios gorgéantes.

Os boizinhos, carregados, estugavam as marchas e tôda a bicharada folgava em meneios mal a avistava.

As flores diziam-lhe:

«Leva-nos contigo!...»

As águas dos ribeirinhos murmuravam-lhe:

«Vem ter connosco.»

As nuvens espreitavam-na com amor.

O sol e as estrélas sorriam-lhe, lá do céu, em suas dansas de luz.

Os Pais estremeciam-na, mas receios indefinidos ensombriavam, por vezes, seus régios corações.

No fim do reino, para o lado das altas montanhas, havia um bruxo agoirento que nunca sorria.

Seu negro ódio alastrava-se a tudo.

Quando soube da radiosa alegria da Princezinha, o bruxo enfureceu-se medonhamente...

Desceu as pedregosas serras, atravessou ásperas charnecas, palmilhou caminhos sem fim.

Tapava os olhos, à presença das belas crianças que foliavam.



Tapava os ouvidos às cantigas dos pegueiros e camponeses.

Da sua bocarra, vomitava imprecações, contra as galas que a Natureza emprestava, agora, aos campos e jardins.

Tudo era viçoso e perfumado, florações em mocidade, campos vestidinhos de verdura nova e tenra.

Praguejando, o bruxo chegou aos parques do Rei...

Envolta em rosadas túnicas, a cabeça engrialdada de flores, a Princezinha parecia uma fada. Brincava com suas aias, soltando cristalinhas gargalhadas.

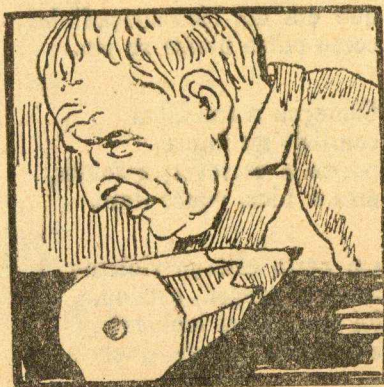
Subitamente, sentiram-se levadas pelos ares, quais leves plumagens de garças riais...

Que seria?!

Radiante, Ema achou graça à aventura e ria confiadamente...

Muito bico êle partiu nas suas lidas honradas, até que, com pismo, viu, já perto, as letras doiradas.

Só então, cheio de espanto, o Lápis caiu em si e disse lavado em pranto: — Olha o que eu diminuí! — Depois, sempre num virote, nem mesmo durou um mês,



lá foi parar ao caixote e acabou-se... Era uma vez!...

Fazemos igual tolice, e, meu Deus, quanto nos dói! Ao ver chegar a velhice dizemos: — Como é que foi?!

■ ■ F I M ■ ■

Atravessaram mares, onde galeões embandeirados, sulcavam águas azuis.

Aproximaram-se duma densa floresta. Quais modernos aeroplanos, as três amiguinhas desceram lentamente numa vasta clareira.

As aias choravam e meditavam; a Princezinha sorria ainda!...

Surpreendidas, notaram, então, que tinham sido transformadas em anõezinhos, bonequitas de palmo e meio...

Ema gargalhou novamente. Ante o desânimo das duas aias, cheia de fé, a animosa Princezinha, sugeriu que tinham de procurar abrigo.

Tão pequeninas, um tronco de cedro serviu-lhes de palácio.

Para distrair as suas companheiras, a Princezinha cantou lindas endeixas.

As abelhas encantadas, vieram oferecer-lhes um favo de mel. Os rouxinóis e os papafigos, enamorados das suas belas melodias, traziam-lhes frutos em seus sonoros biquitos...

Nos charcos próximos, as rãs quedavam-se silenciosas a ouvir a Princezinha.

O verão passou.

A floresta entristeceu.

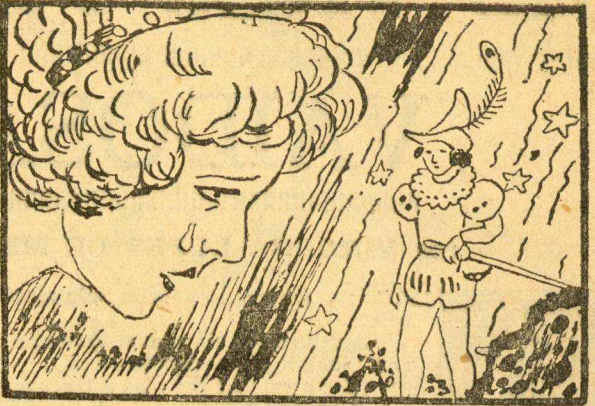
Folhas amarelecidas, tombavam pelo chão, ventos do norte, arripiavam as cabeleiras das velhas árvores.

As andorinhas riscavam o céu em debandada para o sul.

A Princezinha sorria a tudo.

O vento era um grande mágico, que tudo fazia mover à sua caprichosa vontade.

Se os Pais ali estivessem!...



De repente, alguma coisa nova, inesperada, subiu-lhe à garganta e um calor horrível queimou-lhe os olhos.

Duas lágrimas, puras como o mais puro cristal, tombaram-lhe pelas facezinhas mimosas e caíram em terra, quais gotas de orvalho...

Um pobre sapo bebeu-as sofregamente.

Surgiu, então, um esbelto Príncipe que correu para junto das três meninas. Vivera ali, encantado, longo tempo.

As lágrimas da Princesa, quebraram-lhe o encanto.

Pelos corvos da floresta, soubera ele onde estava a espada de diamante, que tudo vence. Correram para junto dum carvalho secular.

Qual flâmula cintilante, baloiçava-se em dois possantes ramos.

Rapidamente, o Príncipe apossou-se dela e desceu à caverna do bruxo.

Enorme urro estremeceu a terra. O monstro morrera...

As três amiguinhas rehouveram as suas formas primitivas.

Ao longe, quatro belas éguas, ajaezadas, apareceram.

O Príncipe, empunhando a luminosa espada, cavalgava na vanguarda, a caminho do Palácio-Real.

Impossível descrever a ventura, a grande ventura dos dois reinos.

Os Príncipes casaram, foram muito felizes e as primeiras lágrimas da Princezinha Ema, foram as últimas de toda a sua longa e felicíssima vida.



Decifração da carta hieroglífica inserta no número passado

Certo ladrão apossou-se do cavalo dum almocreve. Irado, êste, lançou pela terra o seguinte pregão:

—«Aquele que me roubou o cavalo não mo restituirá, mas juro por Cristo que farei o que fez meu pai quando lhe furtaram o seu!»

Era solene o juramento pois o homem tinha fama de possuir figados de tigre. O ladrão começou a temê-lo e, ao outro dia, dirigiu-se-lhe:

—«Amigo, aqui tem o cavalo que, por engano, ontem lhe levei. Agora, queira responder-me:

—Que fez seu pai quando lhe roubaram o seu?»

—Que fez!? Pôs a albarda às costas e fez a jornada a pé.

AS TRÊS MAÇÃS VAIDOSAS

POR VIRGINIA LOPES DE MENDONÇA



AINDA na árvore, já aquelas três maçãs pensavam demais na sua beleza.

Na verdade, eram dum vermelho muito lindo, duma frescura sem igual, lustrosas, apetecíveis...

Mas a vaidade até lhes estragava a formosura...

E quando foram apanhadas as três, ao mesmo tempo, e juntinhas seguiram o mesmo destino, não se cansavam de se gabar!

Tanto, que as companheiras, que iam com elas, aborreciam-se de as ouvir!

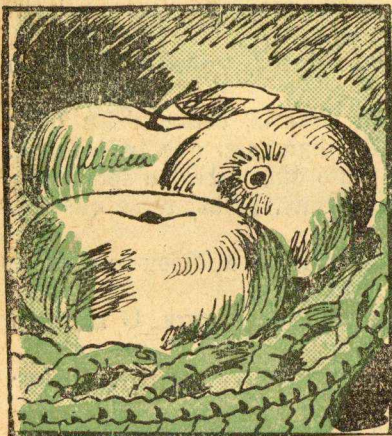
— «Não há frescura como a minha!» — dizia a primeira.

— «Nem vestido de côr mais linda!» — dizia a segunda.

— «Nem lustro, como o meu!» — apregoava a terceira.

Estavam tão contentes consigo que até pareciam rebentar a casca que as vestia!

Quando se viram, num cestinho, muito chique, sobre elegante prateleira, numa casa de jantar, ficaram deslumbradas com o luxo que as cercava.



Mas, sem nunca deixarem de pensar em si, continuaram a conversa.

— «Tôdas estas luzes são para me verem!» — exclamou uma.

— «Só em mesa tão rica, poderei aparecer!» — tornou a outra.

— «Nenhum destes copos de bom cristal, tem um brilho igual ao meu!» — redarguiu, ainda, a mais toleirona.

Por baixo delas, havia outras maçãs que se conservaram muito caladinhas, sem se atreverem a trocar impressões.

Daí a pouco, gente barulhenta, senhoras em trajes festivos, homens bem postos e crianças entraram.

Um dos petizes pôs os olhos cobiçosos nas maçãs e, subindo a uma cadeira, estendeu o bracinho para lhes chegar.

Logo uma mamã previdente o fez sair dali.

— «Como aquele menino parece gostar de nós!

Porque seria que a mãe o tirou daqui?» —

— «Naturalmente queria-nos para ela!» — reflectiu a companheira.

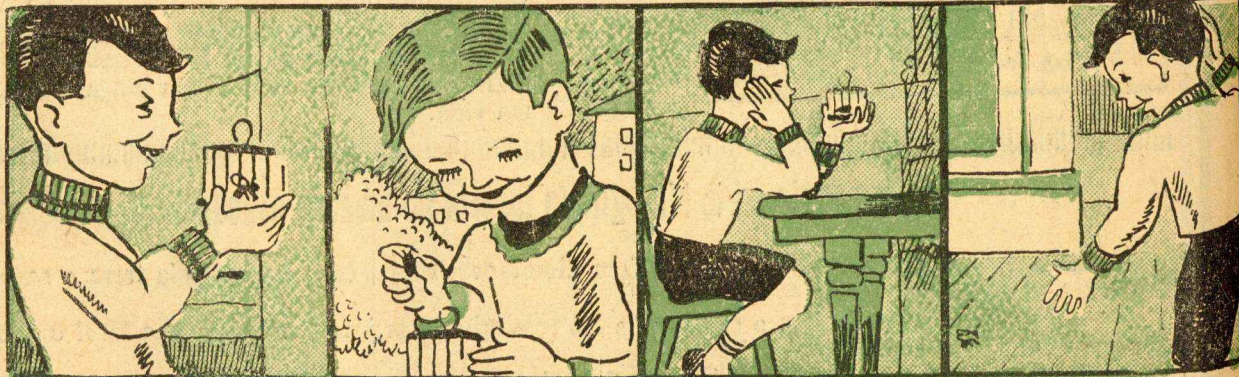
— «Devemos ser o espectáculo mais importante desta festa!» — concluiu a terceira.

— «Quando será o nosso número?» — pensavam as vaidosas, julgando tratar-se duma comédia divertida.

A' mesa, o jantar decorria, alegremente. A conversa era animada, as gargalha-

(Continua na página 6)

A GAIOLINHA DO GRILO



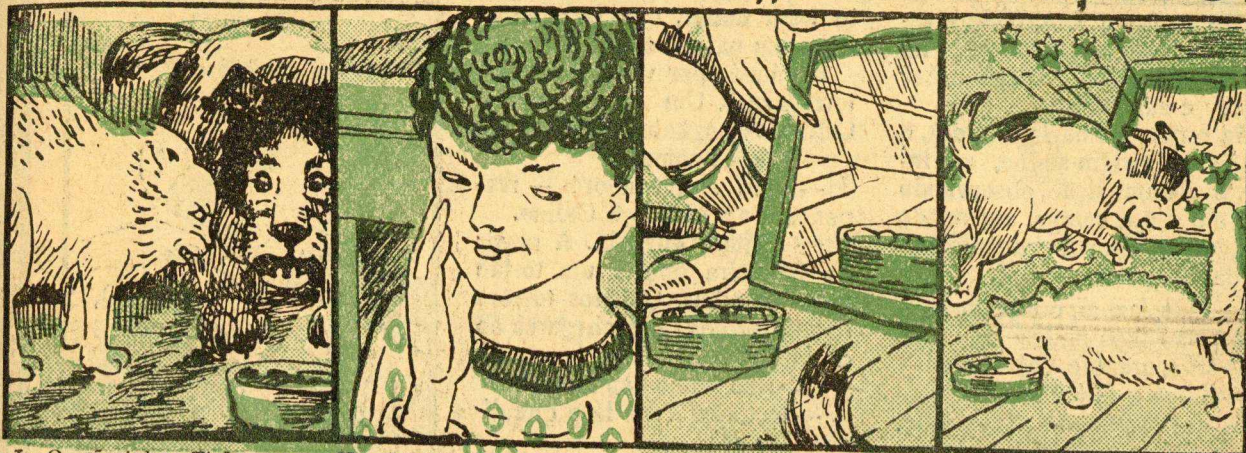
I — Zézinho tinha um grilo, numa gaiolinha, que era todo o seu encanto.

II — Juca, irmão do Zézinho, resolveu pregar-lhe uma partida, deitando fora o grilo e pondo, em seu lugar, uma barata.

III — Zézinho passa, agora, o tempo, muito triste, a olhar para o grilinho que perdera o canto.

IV — Mas, nisto, vendo cantar no chão, aos seus pés, para o irmão, ingenuamente, Juca, olha uma barata e...

"BOLA DE NEVE," E "TIÇÃO,"



I—O cãozinho «Tição» era muito avaro das suas refeições. Nunca deixava a gatinha «Bóla de Neve» aproximar-se do seu tacho.

II—Toninho, com pena da «Bóla de Neve» mas com medo do «Tição» também nunca se aproximava dele. Um dia pôs-se a pensar como auxiliar a gatinha.

III—Lembrou-se, então, de ir buscar um grande espelho quadrado e pô-lo em frente do «Tição» e do tacho.

IV—Ao ver o tacho, reflectido no espelho, o «Tição» avançou para ele mas dá com o focinho no esmalte o que o faz ver as estrelas, enquanto «Bóla de Neve» se refastela com o belo manjar.

A VIDA E A OBRA DE CALINO

Por MANUEL FERREIRA

Deseñhos de A. CASTAÑE

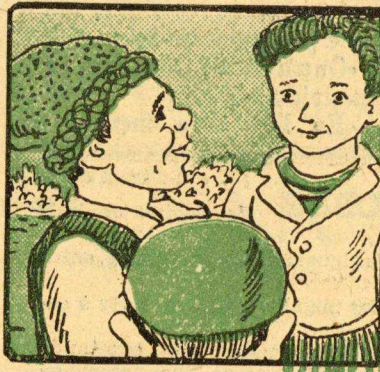
CERTAMENTE, os meus meninos leram há dias no jornal esta notícia:

«ECOS DA SOCIEDADE»

PARTIDAS E CHEGADAS

Regressou de Frielas, A-dos-Cunhados e Matações, o Sr. Manuel Ferreira que foi às bibliotecas e arquivos destas localidades, fazer investigações.

Mais não dizia a notícia. Porém, eu vou revelar-lhes que as minhas investigações, naquelas importantíssimas aldeias, tiveram o fim de procurar fazer um estudo sério (mas para rir!) sobre a vida e obra de Calino.



o que talvez não seja digno de crédito, que, afinal, Calino nunca nasceu. Claro está que não creio em tal afirmação.

A interessante criança recebeu no baptismo, cerimónia em que ele esperneou à doida, o nome pomposo e fidalgo de Anastácio Serapião Calino. Estava a criança destinada para uma alta situação:—a de se tornar o símbolo da asneira nacional.

A sua infância foi toda recheada de episódios curiosos, nas quais Calino revelou uma inteligência que lhe facultou depois

a matrícula incondicional na Universidade de Cacilhas. Dos apontamentos que eu consultei, destaco os seguintes:

Um dia, a mãe, vendo que o açucareiro diminuía, muito depressa, de péso, perguntou a Calino e ao irmão deste, chamado Gregório:

—«Meninos, quem tirou o açúcar?»

—«Eu não fui!» — respondeu o Gregório.

—«Nem eu!» — disse o nosso amigo Calino.

—«Um de vocês, foi; com toda a certeza.»

—«Foi o Calino» — observou o Gregório.

—«Não fui tal, mamã» — respondeu o Calino—O mano é mentiroso. Como é que ele diz que fui eu, se ele não estava ao pé de mim, quando eu tirei o açúcar?!...»

Como se vê, era de uma es-perteza a toda a prova.

Quando chegou aí pelos 8 anos, o pai lembrou-se de o mandar para a Escola, como a melhor ocupação. E como

estudante, nunca passou do seu quinto terceiro ano. (Quere dizer que andou cinco vezes no terceiro ano, que já devia saber de cór e salteado.)

Na escola primária, um dia, o professor dirigiu-se-lhe, no intervalo de uma lição, observando que ele e um colega, em vez de estudarem, estavam na mais inútil das brincadeiras.

— «Que faz, aí, o menino?»

— «Não faço nada.»

— «E o menino Calino?»

— «Estou a ajudá-lo.»

Gostava tanto da escola que, tendo ido à cozinha e visto um pato, nas mãos da cozinheira, que o ia transformar em cabidela, não se conteve que não dissesse, ao ouvir a gritaria da



— «Quando tu gritas tanto por te irem matar, que faria se te levasses para a escola!»

Em casa, por vezes, o pai interrogava-o. Um dia, dirige-se a Calino e perguntou-lhe:

— «Sabes somar?»

— «Sei, sim senhor!» — respondeu, apressado o Calino.

— «Então, ouve lá. A partir de 2.^a feira dou-te um tostão todos os dias. Quantos tostões deves ter, quando chegares ao domingo?»

— «Não tenho nenhum...»

— «Nenhum?! Vê lá o que dizes!»

— «Nenhum, meu pai. Quando chegar ao domingo, já os gastei todos!»

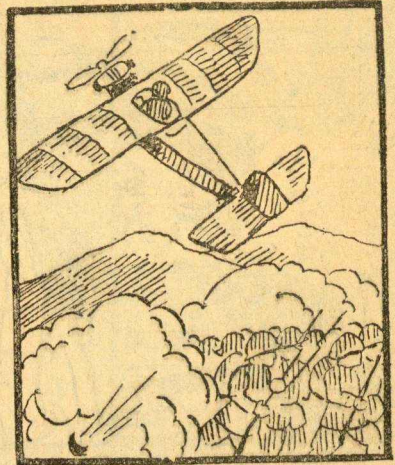
Contudo, Calino, às vezes tinha inteligência bastante. Estava, uma noite, ao jantar, quando chegou um telegrama comunicando o falecimento de uma pessoa de família. E Calino disse logo:

— «O' pai! Chora-se agora ou só depois da sobremesa?...»

Quando já era um homemzinho, Calino foi dar um passeio ao campo, com um camarada. Encontraram, no caminho, um saloio e perguntaram-lhe:

— «Quem és tu? Um burro ou um estúpido?»

— «Eu lhes digo, meus se-



nhores...» (respondeu o saloio) — «Estou entre um e outro...»

Passado tempo, o pai, como houvesse boatos de uma guerra, falava-lhe sôbre o heroísmo das figuras da nossa História e dizia-lhe, entusiasmado:

— «Não sentes orgulho em poderes ir defender a tua Pátria?»

— «Sinto, meu pai, sinto!»

— «Bém! Que arma escolhes, se fôr necessário ir, voluntariamente: infantaria, artilharia, cavalaria ou engenharia?»

— «Nada disso! Antes quero a aviação.»

— «Porquê?»

— «Porque, de aeroplano, sempre se foge mais depressa...»

Nunca mais o feliz pai de tão inteligente mancebo, recuperou o uso da razão, com a cínica resposta de Calino. E à custa de muitas cabeçadas, Calino pôde tornar-se o homem dos sete ofícios. Começa a sua biografia de cidadão muito prestante aos livros de anedotas.

As três maçãs vaidosas (Continuado da página central)

das sucediam-se, o vinho corria nos copos e as iguarias saboreavam-se, entre grande animação.

Quando as criadas limpavam a toalha das migalhas, chegou a vez à sobremesa de fazer a sua aparição.

— «Enfim!» — exclamaram, em côro, as três maçazinhas, espetando ainda mais as folhas verdes que traziam agarradas ao pé, num assômo de toleima.

Toda a gente comia bôlos, cremes, pudins, e os dentes que trincavam infatigáveis, pareciam o ruído do moíno que elas ouviam no pomar.

No extremo da mesa ninguém lhes ligava importância...

Ninguém via o seu lustro, a beleza da sua cór, a frescura da sua mocidade!

As maçãs já estavam desiludidas, quando, de repente, um rapazinho estendeu a mão para o cêsto e apoderou-se da mais encarnadilha.

— «Finalmente, vou ser admirada!» — pensou a tansa da maçã.

Uma cruel dentada foi o brutal cumprimento que a pobre recebeu.

A pouco e pouco, sentiu-se trucidada e engulida...

As outras companheiras ainda tentaram encolher-se para ver se escapavam ao terrível massacre... mas qual!...

A mão conquistadora avançou uma segunda vez, e, por fim, uma terceira, até que deu cabo das três orgulhosas maçãs.

Quando todos saíram da sala de jantar, as outras maçazinhas humildes que haviam ficado dentro do cêsto, murmuraram muito trémulas: — «A que perigo escapamos!»

Foi uma sorte estarmos cá no fundo!...» —

E uma, já bastante enrugada, com cara de avó maçã, rematou, filosoficamente:

— «Se cheguei a esta idade, foi à força de modéstia! Como vêem, é muitas vezes perigoso dar na vista!...» —

Antes de ter qualquer emprêgo mais importante, Calino foi, sucessivamente, criado, alfaiate, cicerone e vendedor ambulante. Depois conseguiu, pela sua espartezza, ser professor, lavrador, proprietário, oficial, jornalista, piloto e médico. Quando chegou o seu tempo, foi soldado.

Em todos êstes emprêgos, se tornou um *homem notável*. Pena foi que não tivesse morrido mais cedo, porque chegou-se a re-

O CESTINHO da COSTURA

SEÇÃO PARA MENINAS
POR ABELHA MESTRA

Minhas pequeninas:

Um livro de histórias deve-se guardar como uma preciosidade, pois é ele, para o mundo pequenino, um companheiro querido, um entretenimento grato que vos há-de deliciar durante muitas horas.

Quantas vezes essas histórias se lêem e re-lêem sempre com satisfação e alegria!

A vossa Abelha Mestra tem três meninos pequeninos e querem vocês saber uma coisa? Se vos quizesse dizer quantas vezes me tem perdido para lhes lêr a história da Gata Borracheira, nem eu vos saberia dizer! Acham sempre um encanto!

É preciso, pois, estimar os livros.

Ora nada melhor, para isso do que forrá-los e, se o fizerem com uma capa artística, muito mais valôr lhes emprestam.

Esta, que é hoje o assunto da nossa lição, é bordada a ponto pé de flôr e nôzinhos, sobre estopa de linho branco e na côr que mais vos agradar.

No meio, escreve-se a tinta da china e em letra de Imprensa, o nome do livro e seu autôr.

Depois da capa estar bordada, engoma-se muito bem pelo avêso, para ficar perfeitamente lisa e, em seguida, forra-se com setineta...

Uma fitinha que se cose entre a capa e o forro, serve para marcar a leitura e realçar o conjunto.

Abraça-as a vossa amiguinha

Abelha Mestra

conhecer que o seu nascimento foi um verdadeiro desastre...

Criado modelar, Calino esteve ao serviço de um patrão cego, Um belo dia entrou na mercearia e pediu 250 gramas de chá.

— «Verde ou prêto?» — perguntou o marçano.

— «Como quiser.»

— «Como quiser?» — exclamou o marçano, pasmado com a *inteligência* do freguez.

— «Sim! A côr não tem importância, porque o meu patrão é cego?»

Outra vez, a patrôa surpreen-

deu-o a limpar os pratos a um lenço de assoar.

— «O que é que você está a fazer?»

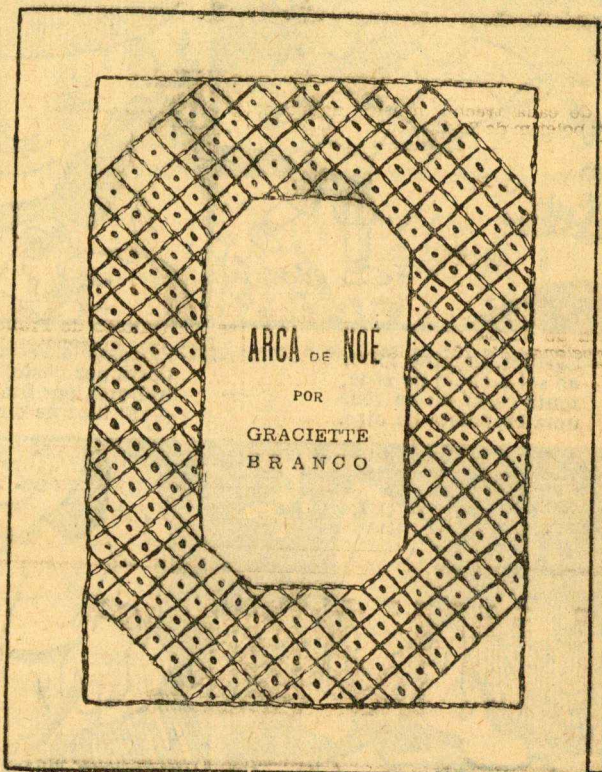
— «Não tem dúvida, minha senhora. O lenço já estava sujo.

Dias depois, noutra casa, o patrão surpreendeu-o a limpar um copo.

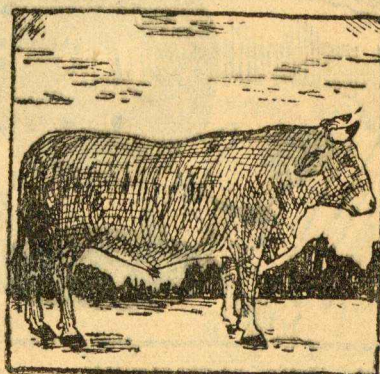
— «Que porcaria é essa? Você está a limpar um copo com o meu lenço de assoar?»

— «Peço desculpa, patrão... mas não é com o seu lenço, é com o meu!»

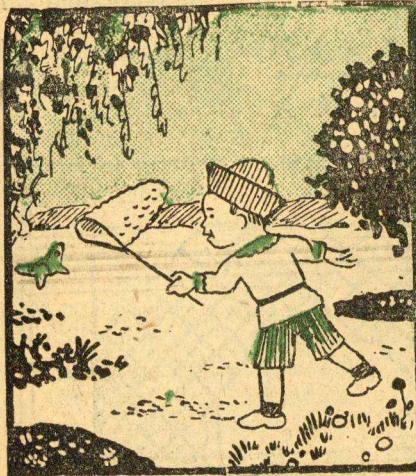
Hoje fico por aqui. Até breve.



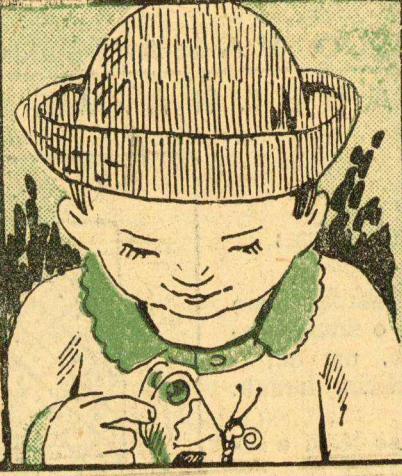
CONCURSO DOS BICHOS



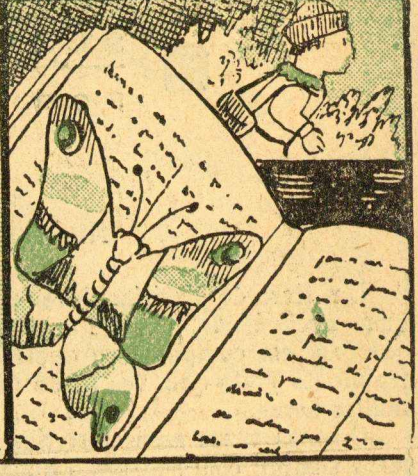
A Borboleta de oiro e a Borboleta de prata



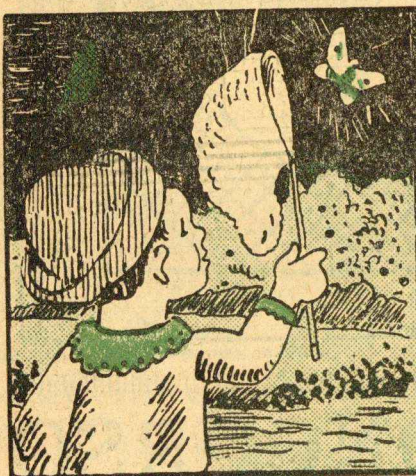
I — Carlitos, menino loiro, ao sol e cheio de sede, tenta caçar numa rede uma borboleta de oiro.



II — Persegue-a... corre... Ansia infindal! Corre por gôsto, não cansa! Até que, por fim, a alcança: — «E' tôda de oiro! Tão linda!



III — O sol é como um incêndio... Entanto, o menino loiro estampa a reliquia d'oiro entre as fôlhas dum compêndio.



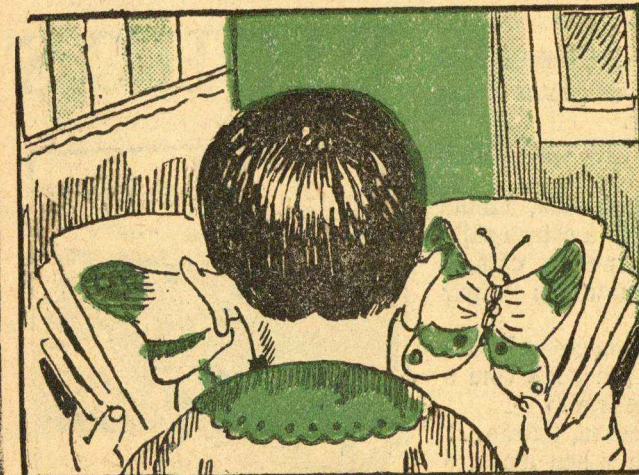
IV — E já a alminha insensata, á luz da lua discreta, persegue outra borboleta mas esta, agora, de prata.



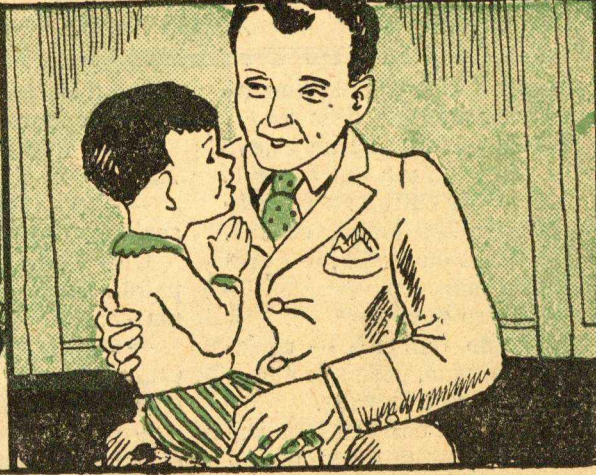
V — Persegue-a... corre... Ansia infindal! Corre por gôsto, não cansa. Até que, por fim, a alcança: — «Tôda de prata!... Tão linda!



VI — Já à luz do facho eterno, eis o menino-poeta estampando a borboleta, entre as fôlhas dum caderno.



VII — Porém, no dia seguinte, indo vêr as mariposas, já não as achou formosas, tinham perdido o requinte.



VIII — Entanto, ao Pai inquirindo a razão dêsse mistério, ouviu, com ar grave e sério, êste conceito tão lindo:

IX — «Escuta, atende, menino, Aquilo que põe beleza nas cousas, na Natureza, é a Vida, um Bem divino!»